

**25 de abril de 2021**

Senhor Presidente,

Senhoras e senhores Vereadores,

Senhoras e senhores deputados,

Autarcas de freguesia,

Dirigentes do movimento associativo,

Representantes da comunicação social,

Minhas senhores e meus senhores,

Comemorar o 25 de Abril é comemorar um País mais livre, mais justo e mais solidário. O povo português autodeterminou-se. Tornou-se mais livre e tem feito o seu caminho democrático. Com momentos de encanto e momentos de desencanto. Como acontece com cada um de nós. Sem destinos manifestos e sem homens ou mulheres providenciais.

A liberdade, a democracia e o desenvolvimento são sempre caminhos a percorrer. E temo-lo feito. Com altos e baixos. As nossas escolhas e as nossas opções determinam esse caminho. Essa é a razão por que acreditamos no valor da cidadania e dos cidadãos livres, conscientes dos seus direitos e dos seus deveres. Capazes de cooperar e de construir o bem comum. Seja na atitude individual em relação à vida cívica, seja em relação às instituições democráticas.

Foi e é essa a razão para que o Município de Baião, além do cumprimento e extensão do estatuto da oposição, tenha lançado um caminho de boas práticas democráticas, como seja: o atendimento público regular e sistemático com acompanhamento do seguimento das preocupações dos cidadãos; a iniciativa Câmara à Porta; a prestação de contas nas diferentes freguesias; o inquérito regular à satisfação dos munícipes com os serviços municipais; o envolvimento dos cidadãos, freguesias e entidades associativas na elaboração do plano de atividades e do orçamento; as Assembleias Municipais com os jovens dos agrupamentos escolares e o seu acompanhamento à Assembleia da República e, ainda, as reuniões regulares com as forças vivas municipais. E, lembro, uma das últimas iniciativas lançadas pelo município destinada a manter atualizado o registo do cumprimento dos compromissos eleitorais. Todas estas iniciativas procuram envolver mais os cidadãos na vida das instituições democráticas locais.

A cidadania livre e democrática é, pois, um caminho permanente. Temos de ter a consciência de que a vida livre e democrática é uma descoberta, que se desvenda a cada dia que passa. Assim como não há Repúblicas ideais, também não há democracias ideais. São feitas por homens. Com virtudes e com defeitos. Com homens e com mulheres que se enganam e que têm dúvidas. Mas, que têm a coragem para seguir em frente. Para caminhar e medir. Para corrigir o que estiver mal. E fazer mais e melhor. Para fazer escolhas. Essas escolhas são feitas de acordo com valores e com princípios. É nos valores e nos princípios constitucionalmente consagrados que devemos encontrar a resposta para as dúvidas e as inquietações do quotidiano. Não é por acaso que, os que contestam o atual

sistema democrático, querem confrontar esse núcleo essencial de valores constitucionais. A democracia é como uma flor. Requer muita atenção e muitos cuidados.

Desde sempre que se procurou antecipar o futuro, coligindo informações, recolhendo testemunhos provenientes de viajantes... Hoje, fala-se em coligir e analisar dados. Há mesmo uma ciência dos dados. Traçar cenários. Fazer prospetiva. E quando tudo parece estar em mar calmo, eis que uma onda se agiganta e temos o mar revolto! É o que nos mostra esta pandemia. O País crescia, há três anos consecutivos, acima da média europeia e tinha criado 350 mil empregos. Convergência económica e socialmente. A política de rendimentos estimulava a procura interna, dinamizava a produção nacional e, por outro lado, cresciam as exportações. A dívida pública vinha a decrescer em termos de percentagem do Produto Interno Bruto (PIB) e, pela primeira vez na história democrática do País, tínhamos um superavit orçamental. Chegou a pandemia e tudo se alterou. Todas as previsões caíram por terra. E, não tenhamos dúvidas, os adversários da democracia reapareceram no mundo, na Europa e, também em Portugal. Aparecem sempre quando há incerteza e medo. Por vezes, estimulando-os. Lançando o discurso da desconfiança. Nas instituições e na democracia.

Combater a pandemia é a prioridade. Proteger e recuperar as condições de vida e cuidar do futuro é o que temos no horizonte de trabalho. No País e nas comunidades locais. Vencer estes desafios é também fortalecer a democracia e a confiança no futuro.

Senhoras e senhores deputados,

Não podemos esquecer a homenagem aos capitães de Abril, incontornáveis obreiros da revolução. De uma forma corajosa, e com risco para as suas vidas pessoais, foram eles que abriram as portas ao dia que consagrou a liberdade.

Esse dia marcou o culminar de décadas de combate ao Estado Novo – uma luta realizada por milhares de portugueses, que exilados, perseguidos e na clandestinidade nunca baixaram os braços. A todos devemos o nosso sentido agradecimento enquanto comunidade nacional.

Após o período revolucionário e não sem graves dificuldades, sob a liderança de Mário Soares e de outros líderes e partidos políticos, abrir-se-iam as portas a uma transição pacífica para uma democracia pluralista e europeia. Assente no equilíbrio entre a liberdade, a igualdade e a fraternidade, a Revolução inspirou outros movimentos democráticos. A Constituição assim o consagrou em 1976 e, com o I Governo Constitucional, traçaram-se as linhas mestras que permitiriam a Portugal:

- a) assumir o seu lugar na comunidade internacional;
- b) subscrever o pedido de adesão à Comunidade Económica Europeia;
- c) manter os seus compromissos com a Aliança Atlântica;
- d) garantir uma relação privilegiada com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, e
- e) lançar as bases de um projeto de desenvolvimento económico e social e de democratização do País.

Comemoramos hoje 47 anos de Liberdade e de Igualdade. Em Democracia. Faz este ano 45 anos sobre as primeiras eleições democráticas para aquele que é o grande alicerce e fonte de rejuvenescimento da democracia: o poder local.

**Foi e é no poder local que bate o coração da democracia. É aqui que, olhos nos olhos, face a face, o poder se humaniza. Com as suas forças e fraquezas. Aqui está o poder despido de enfeite!**

**Foi com satisfação que há dias assistimos ao reconhecimento por parte da academia três marcas profundas dos autarcas socialistas no poder local democrático:**

- a) o contributo para a sua autonomia administrativa e financeira;**
- b) a criação de um quadro legislativo favorável ao desenvolvimento regional, à desconcentração e à descentralização; e**
- c) o envolvimento do poder local nas políticas sociais de habitação, de saúde, de educação e de combate à pobreza.**

Abril trouxe a descoberta da vida livre e democrática. Que se fez vida refletida e vida vivida. Autodeterminação individual. Autodeterminação coletiva. O encontro com a “magia” do poder local, como disse há dias um autarca de 76, numa homenagem que lhes pudemos fazer: a abertura de acessos às freguesias, aos lugares e às habitações; os bens e serviços

essenciais: o abastecimento de água, o saneamento, a eletrificação, a habitação condigna, os cuidados de saúde pública e o médico de família; a universalização do acesso ao ensino básico, secundário e superior. O acesso à cultura e ao conhecimento. O aprofundamento do conteúdo democrático com a participação cívica e política, que enriquece a democracia representativa.

**A interiorização da necessidade de promovermos uma cultura democrática mais exigente, assente na transparência e na prestação de contas. É dever de todos. Essa é uma prática desta autarquia e que deve ser aprofundada. Tanto na vida das instituições públicas, como na vida das instituições sociais e privadas.**

Senhoras e senhores deputados,

Foi a ação conjugada da administração local, regional e nacional que permitiu vencer atrasos de séculos e que vale a pena lembrar:

1. **a taxa de mortalidade infantil** que passou de 78% em 1960 para 2,8% em 2019; **em Baião passou de 5,5% em 1960 para 0 (zero) em 2019)**
2. **a esperança média de vida** que aumentou em 16 anos para os homens (60 para 76) e em 15 anos para as mulheres (67 para os 82); **na Região Norte – a esperança média de vida aumentou de 74 anos, em 2001, para os 78 anos em 2018 nos homens e de 80 para os 84 anos nas mulheres;**

3. a **água canalizada** que em cinquenta anos passou a estar em 99% das casas; em Baião passou de 21% das casas em 1995 para 76% das casas em 2017;
4. a **taxa de analfabetismo** passou de 26%, em 1970, para 5,2% em 2011. Em Baião passou de 30,6% em 1981, para 10,2% em 2011;
5. o **abandono escolar** passou de 44% em 2001 para os 11% em 2019, revelando uma descida de 33 pontos percentuais. Na região Norte, o abandono escolar passou de 51% em 2001 para 10% em 2020, revelando uma descida de 41 pontos percentuais).
6. o número de **peças inscritas no Ensino Superior** passou de cerca de 83 mil, em 1981, para os cerca de 400 mil em 2020/2021 (em Baião não existiam dados, mas podemos referir que:
  - a. O número de peças com o ensino superior passou de 45 em 1981 para 749 em 2011;
  - b. A percentagem de peças com o ensino superior em Baião passou de 0,3% em 1981 para 4,3% em 2011;
  - c. Em 2001 tínhamos um médico para 1713 utentes. Hoje temos um médico para 855 utentes.
  - d. O número de desempregados inscritos nos centros de emprego e de formação profissional no total da população residente com 15 a 64 anos de idade era de 8,9 %, em 2001, e de 7,9% em 2019;
  - e. A remuneração base média mensal dos trabalhadores por conta de outrem era de 456, 6 euros em 2002 e, em 2018, a remuneração média em Baião passou para 699,8 euros. Significa que em Baião tivemos um ganho de rendimento de 243 euros em 16 anos;

- f. No número de empresas não financeiras por 100 habitantes, passámos de 5,9 em 2009, quando no país estávamos em 11,4, para 8,7, em 2019, enquanto no país estávamos em 12,8. Ou seja, em Baião crescemos 2,8 e no País crescemos 1,4. Crescemos o dobro do País em número de empresas.
  - g. Ambiente – em termos do número de kg de resíduos urbanos recolhidos seletivamente por habitante, passamos de 1,0, em 2001, para 38,3, em 2019. Crescemos também imenso no sistema de abastecimento público de água tratada. De 60 % em 2001, passamos para 76 % em 2017. Os números de hoje serão seguramente ainda mais expressivos.
7. a **taxa de pobreza**: em 2017 Portugal tinha retirado das condições de maior precariedade 543 mil residentes (dados não disponíveis a nível do concelho de Baião; No entanto, a % de pessoas com RMG/RSI em Baião passou de 11,5% (2003) para 5,7% (2019), enquanto, por exemplo, no Porto os valores passaram de 7,2% para 8,9% no mesmo período.)
8. sobre a **democracia** importa assinalar a evolução positiva da satisfação com a democracia entre 2015 e 2018. Num índice que varia entre 1 e 4, em 2018 Portugal estava com 2,71. Acima da média da União Europeia, com uma média de 2,55.



9. a **confiança no Parlamento Nacional** aumentou no mesmo período. Atingimos 32,3, quando a UE estava com 27,7. A Espanha estava com 8,2, [a Grécia com 7,7 e a Itália com 11,2]<sup>1</sup>.

Como parece evidente, falta conhecer os efeitos da pandemia em todos estes indicadores.

**Muito há que fazer. Com certeza. Mas, ter um discurso negacionista sobre estes resultados que mostram que o País e a nossa terra têm feito um caminho positivo de desenvolvimento é denegrir o esforço e atentar contra a inteligência de todos os portugueses e de todos os baionenses. Felizmente, há muitos testemunhos de vida que atestam as mudanças verificadas ao longo destes últimos 47 anos. Mas, é necessário transmitir às novas gerações essa mensagem de esperança e de confiança no futuro.**

Senhoras e senhores deputados,

Os valores democráticos estão confrontados com desafios muito exigentes. Impostos por uma suposta “cidadania” que faz por esquecer o passado “dos filhos dos homens que não foram meninos!” (Soeiro Pereira Gomes). Que quer resultados para ontem. Que faz o escrutínio, 24/24 horas, sobre a decisão política. Essa pressão, feita nas “redes sociais” - onde

---

<sup>1</sup> Fernandes, Tiago e Branco, Rui, *45 Anos de Democracia em Portugal* (2020), Lisboa: Edição Assembleia da República, pp. 34-36; 57; 84.

vive gente bem intencionada - , e nas “notícias ao segundo”, impede o tempo de maturação e de processamento regular das instituições. Dá a ideia de que o tempo da “rebelião das massas” (Ortega y Gasset) está hoje nas “redes” sociais. Atua nas percepções. O seu tempo não é o tempo das instituições democráticas.

Comemorar o 25 de abril é comemorar a Liberdade, a Democracia e a Igualdade. É comemorar o Portugal que, valorizando a sua dimensão atlântica e de expressão cultural e linguística lusófona, se afirmou europeu na adesão à Convenção Europeia dos Direitos Humanos e ao projeto de paz e desenvolvimento da CEE/ EU, aberto ao mundo e compreensivelmente humanista.

Este é um caminho que tem que continuar. O que exige uma cidadania esclarecida, atenta e comprometida com os valores de Abril.

Os tempos que vivemos exigem a atualização permanente do nosso compromisso com esses valores, cuja melhor síntese democrática está contemplada na nossa Constituição.

A Constituição que nasceu em Abril e se foi aperfeiçoando com o contributo da sociedade portuguesa.

**Há, pois, que promover uma cultura de proximidade, de transparência, de prestação de contas, de envolvimento dos cidadãos, particularmente dos mais jovens, na vida das instituições. É imprescindível pugnar por um discurso público sério, rigoroso, alicerçado no conhecimento e na razão.**

**Um discurso que, valorizando a ética das convicções, não deixe de assentar na ética da responsabilidade. Porque é ela também a ética da República. Em nome e em defesa dos valores de Abril.**

Para que os nossos dias continuem “inteiros e limpos”, como escreveu Sofia de Mello Breyner.

Disse.

25 de Abril de 2021.

José Luís Carneiro

Presidente da Assembleia Municipal de Baião